

# A TRADIÇÃO



Ano I

N.º

# A TRADIÇÃO

Bimensario Integralista, Literario e Artístico

Dirétor — A. DE CAMPOS FIGUEIRA

Redactor principal — *Joam Cabral do Nascimento*

Redactor — *José Bruges de Oliveira*

Secretário de redacção — *S. A. de Centeno Fragoso*

Administrador — *João Bruges de Oliveira*

Secretario de administração — *Amorim Parreira*

Editor — *Armando da Silva*

Redacção e administração: Ruã de S. Paulo, 20 — Lisboa

## SUMARIO

*Saudação.*

*Rumo à terra* — D. Luiz de Castro.

*A' Galiza* — Affonso Lopes Vieira.

*A eterna questão* — A. Campos Figueira.

*Interesses regionaes* — A. de F. B.

*Sonetinhos* — Joam Cabral do Nascimento.

*O culto da tradição* — João José de Mello Lapa.

*A fome* — José A. d'Almeida Balthazar.

*Morgadio* — S. A. de Centeno Fragoso.

*Revista da quinzena.*

*Echos d'arte.*

*Nossa Senhora das arribas* — Seuero Portela.

*Parlamentarismo* — Vasconcellos Guimarães.

*Crónica musical* — S. de Freitas Branco.

## ASSINATURAS

Portugal e Espanha — 3 meses..	\$600 réis
» » » — 6 » ..	1\$200 »
» » » — Ano.....	2\$400 »
Estrangeiro — 6 meses.....	1\$600 »
» — Ano.....	3\$000 »

Numero Avulso 100 réis

Tipografia da  
 AGENCIA DE PUBLICIDADE  
 «PORTUGALIA»  
 C. do Sacramento ao Carmo,  
 38, 1.º — LISBOA

# Escrevem n' A TRADIÇÃO

- A. Xavier Cordeiro
- Affonso Lopes Vieira
- Americo Durão
- Antonio Sardinha
- Armando da Silva
- A. Campos Figueira
- Centeno Fragoso
- Conde de Monsaraz
- Conde de Nova Gôa (D. Luiz de Castro)
- Cornélio da Silva
- Correia da Costa
- D'Almeida Cassapo
- Gastão Faria de Bettencourt
- G. Bastos Gonçalves
- Hipólito Rapozo
- J. A. Pequito Rebello
- José A. d'Almeida Baltazar
- João do Amaral
- João Cabral do Nascimento
- José Maria da Silva
- João J. de Mello Lapa (Villa Nova d'Ourem)
- Luiz de Freitas Branco
- Manoel de Lins
- Vasconcellos Guimarães, etc.

# A

# D. Manuel II!

No momento em que Portugal, entregue á demagogia tirana, aos saques e á desordem, se debate na áncia louca de fugir a uma morte vorgonhosa a que o arrastam os caracteres sem escrúpulos dos reles propagandistas da União Ibérica, mais um grupo de Novos cheios de Fé e de coragem, patriotismo e mocidade se juntam áquele grande e nobre grupo integralista hoje respeitado e temido. Esse grupo de moços portuguezes, prontos a tudo, a lutar sem descanço e sem tréguas pela causa Integralista que é a causa dos Portuguezas, ao saudar-vos esperanças no Futuro teem nos labios os belos versos do grande patriota que foi Luiz de Camões :

*Para servir-vos, braço ás armas feito,  
Para cantar-vos, mente ás musas dada.*

Que D. Manuel II conte conôscos assim como nós  
contamos com Ele. Que Deus guarde de Portugal e proteja os seus fieis  
servidores

Viva a Patria!

Viva Portugal!

# RUMO Á TERRA

Assim se intitula o folheto em que a «Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro» edita a brilhantissima conferencia promovida a convite d'aquella colectividade no salão nobre do *Jornal do Commercio*, pelo muito illustre compatriota nosso Sr. Carlos Malheiro Dias, eminente homem de letras e espirito de condição policroma e multiforme, tocada em todas as suas facetas pela claridade de um talento privilegiado.

Rumo á terra... no Brazil, sim. Mas rumo á terra tambem em Portugal. Rumo á terra para os governantes e para os governados. D'aqueles, exigem-se faculdades agrárias directoras; d'estes, amor ao solo da pátria,

enraizamento rural, e a faculdade agrícola trabalhadora logo surge.

Rumo á terra é o que manda seguir a bússola do *Integralismo Lusitano* de que esta revista é um dos órgãos na Imprensa. Motivo de sobra ha para, encetando a minha colaboração, dar ao primeiro artigo esse titulo. E' um grito de guerra contra o rumo á manga d'alpaca ou ao balcão da mercearia; é tambem uma saudação á doutrina integralista, tão atraente, sem hesitações, no seu capitulo económico.

No pensamento, porem, do Sr. Malheiro Dias, esse brado é lançado ao emigrante portuguez, que chegado ao querido Brazil, nosso filho dilecto, prefere morrer de miséria ou regressar á pátria, a ir trabalhar, continuando a sua profissão, a terra brazílica.

E d'esta sua renugnancia resultará a perda — pela segunda

vez — do Brazil para Portugal. Para o Brazil representa um prejuizo consideravel, pois que necessitando colonos agricolas, e tendo-os, de sobejo, commerciaes, vê crescer o numero d'estes e faltar concorrentes á cultivação do seu território.

Avulta a classe intermediaria, sugadora de lucros, encarecedora de mercadorias; deserta a classe productora, a que alimenta e é a força d'um paiz.

O nosso emigrante não é de forma alguma um colono agrário que se despreze.

Não ha muito tempo ainda que eu fiz traduzir da *Saturday Review* americana para o *Boletim da Associação Central de Agricultura Portuguesa* (que eu então dirigia com sacrificio pessoal e com grave escandalo da subserviencia republicana de seus corpos gerentes, que não descançaram enquanto me não fizeram o favor de separar) um longo estudo elogiosissimo para o colono portuguez, que labuta na Califórnia.

E tambem não ha muitos annos que em conversa com o Sr. Lubin, o celebre norte-americano a quem se deve a organização do Instituto Internacional de Agricultura, de Roma, lhe ouvi as mais desvanecedoras referencias aos trabalhadores portuguezes que empregava nas suas propriedades do novo-mundo.

Quero dizer com estas citações que o Brazil perde e muito se não conseguir que o nosso emigrante adopte o rumo da terra.

Mas, — ai de nós — se não tomámos o caminho do planalto

brazileiro e nos quedamos no litoral!

E' esse o tema da conferencia do Sr. Malheiro Dias. «Meditae no exemplo da historia, sempre repetido: Roma agrícola acaba por suplantar Cartago commercial. Para que tal suceda, nem mais são precisos os Scipiões».

Dentro de setenta annos as gentes germanicas, slavas, italianas e hespanholas, estarão fixadas no solo agrícola brasileiro e admitidas a participar do poder, social e economicamente. O commercio portuguez n'essa occasião desaparecerá. As transacções d'esses colonisadores hão de ser feitas pelos seus irmãos de raça.

E nós perderemos o Brazil pela segunda vez, e então definitivamente.

Evitar-se-ha o perigo criando atraz do comércio portuguez, o produtor e o consumidor portuguezes: a clientela portuguesa.

Rumo á terra, pois, clama com desusado brilho literário em trabalhos d'esta ordem, a sábia e elegantissima palavra do Sr. Malheiro Dias.

Sim. Mas parece-me que antes de tomar o rumo da terra brasileira, deve tratar de vêr-se se não seria preferivel fazer tomar ao portuguez, de preferencia, o caminho da terra nacional, se esta d'ele ha mester.

Compreende-se, porém, que não é nos medidos espaços d'uma revista, como *A Tradição*, que se póde levar mais longe a discussão de mil faces, que o problema suscita.

D. Luiz de Castro

# A Galiza

(A modo do velho cantar)

Que Castella e castellanos  
todos n-um monton, a oito,  
non valen o que un-ha erbiñ  
d'estes nosos campos bellos.

Trova

O' Galiza, Galiza dos verdes prados,  
tam irmãos dos nossos, por Deus abençoados,  
— deixa Castela e vem a nós!

O' Galiza, Galiza dos campos floridos,  
por Deus abençoados, por vós tam queridos  
— deixa Castella e vem a nós!

O' velha Galiza dos cantares amados,  
tam irmãos dos nossos, tam bem suspirados,  
— deixa Castela e vem a nós!

Galiza soidosa dos cantares sentidos,  
se és tam longe deles, vem aos teus amigos,  
— deixa Castela e vem a nós!

AFFONSO LOPES VIEIRA

## A ETERNA QUESTÃO

(o)

Admitamos, por uns segundos, que a *harmonia ibérica* se realisa na melhor das hipóteses, sem quebra da nossa independência, sem ferir as nossas legítimas susceptibilidades nacionaes. Suponhamos que ha apenas amizade sincera entre os dois paizes e se estabelece um cordeal intercambio nas artes, nas ciencias, nas letras, no comércio, em tudo menos em materia de autonomia politica. Admitamos isto, hipoteticamente, por alguns segundos. Qual é o resultado desta harmonia?

Vejamos!

Esta harmonia é uma perfeita penetração que Castela realisa, e, como o elemento castelhano é maior em quantidade, sê-lo-ha tambem em intensidade e, pelo elementar principio dos liquidos em vasos comunicantes, estabelecer-se-ha um nivel comum, uma «*harmonia*» (!) em que o elemento castelhano será enorme, desproporcional, absorvente! E consumada a penetração intelectual e e comercial, embora menos intensa do que eu a pinto, é inevitável, é fatal a penetração politica, é fatal a perda da nossa independência. A nossa aproximação com Castela ha de por força terminar no fim: na nossa absorção. Não é o receio pelo dia de hoje, não é o receio pelo dia muito proximo de amanhã que me faz falar com mágua nesta «*harmonia*»! E' o receio do futuro que surgirá dentro de alguns anos, é o receio sincero de que sejamos impellidos para esse plano inclinado e escorregadio da apregoada «*harmonia*»! E' preciso não chegarmos lá, hemos de evitar o perigo antes de por êle sermos envolvidos. Temos que garantir à nossa pátria o futuro dos proximos séculos (!) e será um crime o pensar ou dizer qualquer de nós que «*après moi le déluge*»! O perigo hespanhol existe sempre e é maior

existindo o Regimen Republicano em Portugal.

Facto curioso que presentemente se verifica; a imprensa republicana portugueza na sua maioria, embora haja algumas pequenas excepções, aplaude calorosamente a campanha realisada em Espanha a favor da harmonia e crê na possibilidade desta (um pouco mais e proclamaremos a extinsão das fronteiras: o Universo é uma só nação e os povos um só povo); a imprensa monarchica de todas as côres (legitimista, constitucional ou integralista) levanta-se entusiasticamente contra tal campanha.

A propaganda iniciada pelo Sr. Felix Lorenzo em *El Imparcial* foi ganhando importancia e hoje é já o próprio Rei que toma parte activa néla. O Congresso Científico de Sevilha iniciou já a pretendida penetração intelectual. Em Badajoz formou-se uma comissão de intelectuaes para visitarem o nosso paiz. O próximo Congresso das Ciencias deve realisar-se no Porto em 1919. Em Madrid, noticiam os jornaes, formou-se uma comissão, de que fazem parte homens eminentes na politica de Espanha (um ou dois ministros!) para estreitar as relações hispanolusas. Acho que é demais em tão pouco tempo. Inquieta-me o vento que sopra do nascente e inquieta-me principalmente porque vejo haver em Portugal quem crêa nas vantagens que Castela diz advirem-nos da mútua aproximação.

E quaes são as causas do ardente desejo que a Espanha tem de se aproximar de nós? Em primeiro logar ha a considerar o interesse material e económico que ela (!) tiraria da aproximação; em segundo logar ha a já velha e nunca perdida esperança de fazer de Madrid a capital da Peninsula unificada.

E como para nós só desvantagens nos pode trazer a união ibérica, em qualquer das suas modalidades, cumpre-nos repellar energicamente tudo o que para ela se fizer. De-

vemos repellar todas as tentativas de união ou harmonia, sendo até preferível ou antes indispensavel que exista entre portuguezes o ódio que já data de há 9 séculos.

De Espanha nem bom vento nem bom casamento — e *vox populi, vox Dei!*

Portugal, nação independente desde o século XII, escreveu paginas gloriosas na história do mundo e tem direito a ser um paiz livre. Durante os nove séculos, foram os nossos Reis e o interesse adverso das casas reinantes em Portugal e Espanha a melhor garantia da nossa independência.

Todas as sociedades assentam sobre uma organização de interesses. A célula social não é o individuo, como erroneamente se tem afirmado desde 89, mas sim a familia. O individuo será quando muito a monera, mas a verdadeira célula, a verdadeira base do organismo social é a familia. Sociedade é pois uma organização de interesses que tem por base a familia. A sociedade assim considerada só pode ser conveniente e completamente dirigida por um Rei hereditário que assegure a continuidade dessa sociedade pela sua direcção permanente. A hereditariedade dinástica assenta sobre a mesma organização familiar; por outro lado, o Rei, realizando o seu interesse pessoal, realisa simultaneamente o interesse colectivo da sociedade — o interesse do Rei é governar uma sociedade feliz e próspera e quanto melhores forem as condições de vida da sociedade, melhor é o património que o Rei deixa ao seu herdeiro.

Cada casa reinante tem pois o seu interesse próprio, interesse que é antagonico e distinto do interesse de qualquer outro trono ou entidade. Foi incontestavelmente devido a isto que a união de Portugal á Espanha encontrou sempre um insuperável obstáculo em cada Rei portuguez. E tanto assim é que Castela tentou dominar-nos quando nos faltava o Rei; no século XIV, durante o inter-

regno da primeira para a segunda dinastia; no século XVI, à morte de D. Henrique que não deixou herdeiros.

Mais uma vez acentuo que hoje em dia são os monarchicos de todas as côres, os que mais afincadamente combatem a união ibérica.

A Espanha procura mais directamente entender-se agora connosco para tirar vantagens económicas dessa aproximação.

Em 1914 realisaram-se na Liga Naval Portugueza algumas conferencias sobre os mais importantes aspectos das duas nações peninsulares. Antonio Sardinha, Hipólito Raposo, Freitas Branco, Pequito Rebelo, Rui Ennes Ulrich e Xavier Cordeiro demonstraram claramente as profundas diferenças que existem entre Portugal e Castela quanto ao território, raça, lingua, arte, música, instituições, etc. ... A brilhante série de conferencias dos seis illustres integralistas, fundadores deste novo corpo de doutrina que dia a dia mais se fortalece no nosso meio académico especialmente, foi reunida em volume sob a designação de «*A Questão Ibérica*», livro que mereceu as mais elogiosas referencias em França... até em Hespanha, e a mais indesculpavel indiferença em Portugal. Felizmente que agora se vae reconhecendo o erro e já há entre nós quem considere «*A Questão Ibérica*» como a mais valiosa demonstração teórica, apresentada até hoje, da razão de ser da nossa independência.

O Sr. Dr. José Pequito Rebelo occupou-se dos «*Aspectos Económicos*» e demonstrou concludentemente que a nossa união com Castela nos traria muito menos vantagens do que aquelas que a Espanha alcançaria.

O jornal «*A Monarquia*» órgão do Integralismo Lusitano, tem combatido quasi quotidianamente a sohnada e procurada «*harmonia*» do Sr. Felix Lorenzo.

A. Campos Figueira

## INTERESSES REGIONAES

### Um novo escandalo democrático na Ilha da Madeira

Desde o advento da republica a Ilha da Madeira tem sido o teatro dos maiores escandalos democraticos, tem sido o campo de manobras para verdadeiras escaladas financeiras! A Junta Agricola, creada pelo deputado democratico Sr. Visconde da Ribeira Brava foi durante muito tempo o «campo de concentração» e «quartel general». Foi para a Junta Agricola que se levantou na Caixa Geral dos Depositos, em Lisboa, o celebre emprestimo dos 700 contos. Foi a Junta Agricola quem adquiriu os terrenos dos Louros, em S. Gonçalo, proximo do Funchal, para viveiros e campo experimental. Foi ainda a Junta Agricola quem julgou imperiosa a compra dos celeberrimos montados pelo preço centuplicado do seu verdadeiro valor. A Junta, sempre a pobre Junta Agricola, foi o asilo de todos os pretendentes a empregos rendosos e com pouco trabalho para os apaniguados da falange democratica. Ela creou logares, estabeleceu postos, realizou contratos, creou pensões expressamente para servir e favorecer interesses particulares ou partidarios! O cinismo chegou ao cumulo com a criação de uma agencia de propaganda da Madeira em Londres, Paris e Berlim!

Depois outros escandalos se sucederam. Ainda não ha talvez um ano foi a perseguição ás creanças catholicas e a respeitaveis sacerdotes, pelo antigo juiz da Ponta do Sol, elemento proponderante a dentro do democratismo.

Agora, ainda na Ponta do Sol, aparece nova façanha! Os bens da confraria do S. S. Sacramento d'aquella vila foram adjudicados em praça sem o respectivo anuncio de arrematação, sem as formalidades le-

gaes! Certos funcionarios da Fazenda, de concerto com outros elementos democraticos, dispozeram tudo de modo, quasi clandestinamente, que os referidos bens da confraria avaliados em mais de quinze contos de reis, foram arrematados por particulares — os da panelinha — por tres contos de reis. O Estado desfalcado, os funcionarios publicos prevericando! E' o resultado da acção municipal republicana; é a eterna influencia eleitoral, é o lema da democracia sacrificando os interesses regionaes e nacionaes a principios abstratos. A monarquia organica, tradicionalista e anti-parlamentar que defendemos, com o principio da competencia das competencias, com o anulamento da acção partidária ou politica, com a descentralisação administrativa, com o seu sistema rigido e seus principios assentes em alicerces imorredouros teria sem duvida procedido bem diversamente tanto mais que reconhece á Igreja, como personalidade juridica, o direito de adquirir bens por qualquer titulo legitimo. Mas estamos em plena republica, em plena democracia, á sombra da liberdade, equaldade e fraternidade...

A confraria do S. S. Sacramento da vila da Ponta do Sol confiou o encargo de pugnar pelo pleito em que anda empenhada ao Dr. Manoel Augusto Martins, um dos mais destintos advogados do Funchal e, ao que consta este lavrou já o seu protesto que deve ter dado entrada no ministerio da Justiça. Este escandalo é tão escandaloso que alguns democraticos madeirenses se recusam a interessar-se por uma resolução ou saída airosa. Aguardemos as resoluções judicias e até lá saboreemos a moral e a realisação dos salutarees e ideaes principios republicanos.

A. de F. B.

## SONETILHOS

I

Partiu a Nau Catrineta,  
Lá partiu e não voltou.  
Toda a gente anda inquieta  
Pela gente que embarcou!

Sete anos pelo mar alto,  
Sem vêr terra portugueza.  
Sempre o ceo — ceo de cobalto,  
Sempre o mar — mar de turqueza.

Fazem-se préces na igreja,  
E por mais que se olhe e veja,  
Nada no mar se descobre...

Andam homens embarcados,  
E em sete anos já passados  
Nunca mais dêles se soube!

II

Mas uma tarde, ao sol poente,  
Surgiram velas, além...  
Todo o povo anda contente,  
Ninguém sabe o que ali vem.

Erguem as mãos para lá,  
Fazem sinaes; anoitece.  
E a perguntar o que há,  
Na praia a gente se esquece.

Os sinos tocam distante,  
E um murmurio triunfante  
Sobe ao ar cõr de safira.

Mas na sombra que se estende,  
Ninguém agora se entende,  
Ninguém já sabe o que vira!

III

Lenta a manhan já desperta,  
Todos acordam na praia.  
Lá vem a Nau Catrineta  
Num mar de renda e cambraia.

Gaivotas brancas de espuma  
Passam-lhe à prõa arrogante.  
E as ondas, uma por uma,  
Curvam-se nela adiante.

Desfraldam velas de neve.  
Voltam os risos... E em breve  
A vida torna de novo.

E os gritos crecem no ar...  
Crechem as ondas do mar,  
E crece a onda de povo!

IV

Meio dia. O sol aquece.  
A velha nau aportou,  
E dentro d'ela aparece  
Toda a gente que embarcou.

Já lhes parece mais lindo  
Este paiz que deixaram...  
E os que chegam vam caindo  
Nos braços dos que ficaram.

Pelas igrejas pequenas,  
Resam-se missas, novenas,  
E Deos se alegra com vêl-os.

E entre brados e vitorias,  
Contam-se lendas, historias  
De arrepiar os cabelos...

João Cabral do Nascimento

## O CULTO DA TRADIÇÃO

Não ha cousa mais abandonada em Portugal, do que sejam os monumentos nacionaes.

Nós, ao olharmos os Jerónimos: que na sua grandiosidade nos fazem como que antever, por cima das ondas espumosas do oceano furioso, as pequenas cascas de noz, que Vasco da Gama conseguiu, com a admiração do mundo inteiro, conduzir até à India, ao fitarmos esse edificio, em que cada uma das suas pedras nos relembra

*E outros em quem poder não teve  
a morte,  
Um Albuquerque terrível, um  
Castro forte*

nós pasmamos do abandono a que foi votado aquelle padrão das nossas glorias marítimas e guerreiras.

E não é só nos Jerónimos que esse abandono se patenteia ás vistas horrorisadas d'aquelles que amam no Portugal de hoje o Portugal de hontem. E' na Sé, que nos recorda na sua austeridade os primeiros tempos da Monarquia e em S. Vicente de Fóra, tão particularmente notavel pelos belos mosaicos que a ornam, onde os atentados de restauro tem evidenciado bem o menosprezo que em Portugal se nota por aquilo que é antigo.

A torre de Belem emparceira-se com a chaminé do mais vil e sordido barraçal, que a cuspinha e enodôa com salivadas de um fumo espesso, gorduroso e indelevel.

Por todo o paiz se nota o mesmo abandono, o mesmo desprezo, o mesmo «não me importa». Porem nós, que queremos fazer resurgir o Portugal Velho, devemos trabalhar para levantar desta apatia em que parece jazer a heroica raça portuguesa, devemos insuflar-lhe no animo o «culto da tradição» o «respeito pelo passado», para que ela caminhe al-

tiva e serena na estrada do futuro e não deixe que se apague aquella palavra, que á custa de tantos sacrificios, os nossos antepassados escreveram a letras de ouro nas paginas da historia «a palavra Portugal».

*João José de Mello Lapa.*

Villa Nova d'Ourem

—xxx—

## A FOME

Ruge a multidão, tem fome.

E' o castigo merecido d'uma benequerença descuidada e demasiada, é a confiança cega ou falsa de Timoratos, de interesseiros ou de fanaticos, nos homens a quem chamaram senhores. Os livres pediram liberdade, apresentaram-se-lhes tiranos extraídos dos seus propios peitos, da sua propria massa. Os propagandistas, embriagados com os ultimos ecos da Revolução Francêsa, prometeram mais liberdade, melhores condições de governo e de vida; os mesmos se fizeram déspotas, opressores e pela sua péssima administração nos atiraram para o terrível estado em que estamos hoje.

Não foi um, dois, trez anos de guerra, que ainda pesadamente não sentimos, que trouxe isto a que chamamos fome, ou por ventura málvadez ou ambos aliados.

Foi e é a avareza e voracidade dos governantes e dos mil e um mais, a esfacelarem o leão, pobre leão! que se bate indolentemente ao som das risadas macabras dos exploradores. Ainda não sentiu talvez as dôres profundas que levam ao delirio e do delirio á raiva.

E cruzam-se os braços! e proclama-se a indiferença politica! e não se cuida ou procura cuidar do engrandecimento do paiz! e é a mocidade, parte, que um dia fóra cheia de ideais e de vida, hoje lasciva, que se deixa levar qual manso cordeiro, pela ruina do comodismo criminoso!

Será medo e receio continuo? Pode ser, pode não ser.

De entre essa turba de moços surgem outros moços repletos de enthusiasmo. Invocam a tradição; vêem n'um passado muito passado as leis para o nosso futuro, vêem nas leis da Historia o caminho a seguir. E então esses indiferentes riem-se ironica e ingnorantemente, escarnecem-nos, sem ao menos terem na maior parte das vezes, a minima noção da altivez sublime da doutrina que pré-gamos.

*José A. d'Almeida Balthazar*

## MORGADIO

Vinculos. Sua origem e historia

Segundo Oliveira Martins e outros, como Pascoal de Melo e Coelho da Rocha, os vinculos tiveram a sua origem no direito de avoenga. O doutor Gama Barros na sua «*Historia da Administração Publica em Portugal*» pretende originá-los no direito feudal.

Que nenhuma destas hipoteses é verdadeira, provou-o brilhantemente o Doutor Adriano Xavier Cordeiro na conferencia que realison na noite de sete de Fevereiro de mil novecentos e dezeseite na Associação dos Advogados.

E' facto que ha entre o morgadio e aquellas instituições o comum intuito de conservar os bens na Familia, tendo em vista evitar o fraccionamento do patrimonio e assegurar a estabilidade economia da familia; mas a mesma semelhança de fins se nota ao comparar os vinculos com o direito de troncalidade, ou mesmo com a enfiteuse, visto que em todas as organizações patrimoniaes antigas, se nota o mesmo intento de defender a Familia, vinculando a terra e tornando indivisivel o patrimonio.

«... os vinculos não são nem um reflexo

tardio do feudalismo, que nunca penetrou entre nós e começava a sua decadência precisamente na época do aparecimento das instituições vinculares, nem propriamente uma derivação do direito de avoenga, de aspecto formal inteiramente diverso: — representam, antes, estádio da organização da propriedade, que, participando da antiga divisão patrimonial, sem os inconvenientes do estreito comunitarismo primitivo, dão satisfação ás exigencias de libertação parcial da terra originadas no maior incremento da riqueza e em um mais vasto ambito aberto ás iniciativas individuais.

Nas instituições vinculares corrigem-se as deficiencias do direito de avoenga e de troncalidade, de difficil realisação e, portanto de efficacia muito contingente, substituindo-se por uma formula mais simples e mais perfeita de organização patrimonial, que assegura á Familia a duração da estirpe e a manutenção economica, sem os saltos bruscos da troncalidade, sem as onerosas e por vezes, impraticaveis opções do *retracto familiar*.

Os bens do vinculo representam, na nova instituição, os antigos bens de avoenga ligados agora por forma mais eficaz á Familia a assegurar a continuidade da linhagem, na posse permanente do solar herdado da Ascendencia. E como os bens de *comparadela* ou *ganadura* do primitivo direito, a propriedade estranha ao vinculo fica livre ás transmissões onerosas ou gratuitas, que o progressivo desenvolvimento economico determina e suscita».

As instituições vinculares não foram inventadas, mas sim creadas instinctivamente pelo povo, que delas tinha necessidade.

Para verificarmos a verdade destas afirmações basta analisar conscienciosamente a evolução dos povos desde a queda do Imperio Romano por ocasião da Invasão dos Barbaros do norte. Os barbaros tinham conquistado o Imperio, e, contudo, restos de civilização romana impunham-se á multidão ignorante e selvagem que tudo destruia e arruinava.

Ao surgir o feudalismo, alguns homens inteligentes tentavam, inutilmente, impedir aquelle estado anarchico, buscando um regimen que fosse adaptavel a uma sociedade, que, como aquella, estava tão anarchisada e dividida. O feudalismo, no dizer de Reiffenberg:

«... trouva des moyens de développement dans les habitudes et les moeurs de

ces nations guerrières où le patronage militaire avait fondé une subordination hiérarchique garantie par des services reciproques.

(CONTINUA)

S. A. de Centeno Fragoso

## REVISTA DA QUINZENA

Alfredo de Freitas Branco

E' com magoa imensa que registamos a noticia: Alfredo de Freitas Branco deixa a direcção desta R-vista, pondo de parte a sua vida intensa de trabalho para envergar a farda e empunhar a espada em defeza da Patria. Não que houvesse chegado a sua vez, porque outros estão antes d'ele; mas por se ter apresentado voluntariamente ao sacrificio. Ele, que tinha um espirito ridente, mesmo blagueur, sofreu profunda melancolia, decerto, ao tomar aquela resolução. Mas, é sem duvida um rasgo de patriotismo, cheio de nobreza, e digno de quem acompanhou Couceiro na cruzada bemdita que infelizmente não chegou ao desejado efeito. O seu espirito *rafiné*, de elite, que ele deixa transparecer na sua prosa vernacula de lei, não poderá amoldar-se á rigidez de uma farda; a calma de que necessita não mais a encontrará nos regimentos. Não faremos aqui a apreciação dos seus romances, onde há, sobre tudo, uma simplicidade encantadora, espontanea, que traduz a sua alma de novo, em pleno vig. Freitas Branco ocupa, *par droit de conquete*, um posto entre os literatos da moderna geração. Tem tres livros publicados, e um em vespersas de aparecer; chama-se «*No Exilio*» e trata de varios episodios ocorridos apoz as incursões monarchicas da Galiza. Narrados com um despretençioso anedotismo, os contos do seu novo trabalho cremos que hão de despertar interesse não só pelo assunto emocionante de que falam mas tambem pela maneira com que o autor organisa os seus periodos sonoros e corretos. Entre outros trabalhos inéditos, tem ainda «*Expição*» e «*Sonhos*» que virão a lume na devida altura, e que a critica receberá com justiça e elogio.

Agora, na sua nova posição, Freitas Branco continuará a ser o mesmo de sempre, lhano, leal e cavalheiroso. não desmentindo honrosas tradições da sua velha familia aristocratica.

Escravo cumpridor da sua palavra, energico, valente, arrojado, mesmo temerario, ele saberá afrontar com altivez o perigo, e arrojar-se para onde o dever lhe indicar o caminho.

Com a sua decisão perdemos um dos nossos melhores sustentaculos; mas o exercito poderá orgulhar-se de receber um dos novos de mais valia, que ha-de conquistar glorias e louros. Abraçamo-lo efusivamente e fazemos votos pelas suas felicidades.

Tomará conta d'este cargo o poeta Joam Cabral do Nascimento.

No proximo n.º d'*A Tradição*

Por absoluta falta de espaço fomos forçados a retirar bastantes artigos, alguns já compostos, que virão no proximo numero da nossa revista. Entre estes:

— *Outono em Flôr* por G. Sanches de Catinheide.

*Apreciação da Exposição de Belas Artes. Critica á conferencia de Antonino Pestana.*

— *Uma carta (do insigne Poeta Affonso Lopes Vieira).*

### Integralismo

Com este titulo, publicava o «*Mundo*» de 29 de Maio, na sua linguagem costumada de regateiro da Ribeira Nova, uma noticia sobre um caso havido no liceu Passos Manuel entre dois moços, um d'ellos pertencente ao grupo dos *meninos perfumados* (sic), e o outro ao dos partidarios da União Iberica. Acabava a dita noticia por largar coice sobre os integralistas, o que em nada nos admirou, acostumados como estamos, aos processos usados pelo *Mundo* nas discussões e em tudo o mais.

Porem o nosso fim ao fazer esta noticia não é analisar os processos do *Mundo*, mas sim declarar a este distinctissimo espanholissimo e republicanissimo senhor que o moço a que se refere a sua noticia de 29 de Maio, e que é o sr. Jorge Avillez, nada tem com o Integralismo, nem tampouco os integralistas tem com a questão havida. Temos dito.

### A Ilha da Madeira no Senado

Interessantissimo o discurso do Dr. Vasco G. Marques, Senador pela Madeira, ha dias pronunciado no Senado. S. Ex.ª numa oração vibrante expoz e defendeu os interesses da sua terra, atacando energicamente o governo pela forma por que tem procedido na questão dos transportes.

O Dr. Vasco G. Marques patenteou bem claramente os seus sentimentos regionalistas — esses sentimentos porque pugna pelo Integralismo — e por isso e tambem porque é de justiça, louvamos e regosijamo sinceramente, tanto mais que o governo atendeu as suas justas reclamações.

### Saudação

A Junta Escolar Integralista de Lisboa resolveu na sessão realisada em 31 de Maio de 1917 saudar todos os jornaes que defendem as doutrinas do *Integralismo Lusitano*.

Passando «*A Tradição*» desde hoje a ser órgão da Junta Escolar, é com a maior satisfação que aqui saudamos todos os coletras integralistas, e especialmente «*A Moarquia*».

## ECHOS D'ARTE

*Ilhas de Bruma, pelo poeta Affonso Lopes Vieira*

Desde a introdução das *Ilhas de Bruma feita n'uma casa que está recuando ao Mar*, e que segundo creio é em S. Pedro de Muel, até ás *canções de saudade e de amor*, tudo é simples neste livro, tudo é singelo.

E' um livro d'um lirismo suave, d'um lirismo bem nosso, bem português — em que não ha preocupações de forma, nem abandonos de idéa. Sem possuir este livro as hiperbolicas tristezas do romantismo, é contudo um livro de sentimentos, de tristezas, de recordações do passado. E' um livro que define bem uma personalidade, que se não deixou influenciar pelo exagero de sentimentos, pela nulidade da idéa, nem pelo estrangeirismo da época. *Ilhas de Bruma*, como todos os livros de Affonso Lopes Vieira, tem um sabor verdadeiramente nacional, verdadeiramente tradicional, que nos comove, que nos deleita, que nos lembra lendas portuguesas, que nos recorda venturas...

No *romanceiro*, primeira parte do livro, ha poesias deliciosas, como por exemplo o *Iseu* e as *saudades agio-maritimas*, que é uma poesia bellissima, repassada de sentimento de saudade, a que o poeta soube dar um cunho de antiguidade luso-romantico.

«Naufraguei cem vezes já...

Uma foi na náu S. Bento  
e vi morrer ne tragico tormento,  
dona Lianôr de Sá:  
via nua, na praia áspera e feia,  
com os olhos implorando  
— olhos de esposa e mãe —  
e vi-a seus cabelos desatando,  
cavar a sua cova e enterrar-se na areia.  
E sózinho me fui p'la praia além...»

Lindissima é tambem a poesia *os dois sebastianistas*, dois velhinhos brancos que

Como quem cumpre uma sina,  
.....  
do alto de Santa Catrina  
vão todos os dias vér...

Imensamente inspirada e linda a poesia *neve em flor*, em que uma princesa que tem *saudades* da alvura de linho, da immaculada brancura das neves do seu paiz é levada pelo noivo ao campo, para admirar a beleza deliciosa das amendoeiras floridas.

Ele, num beijo de amor,  
leva as campo a exilada,  
onde ha neve perfumada  
nas amendoeiras em flôr!

Encantadoras as poesias *a ribeirinha* e *Guitarras de Alcácer*, esta ultima constituida por parelhas lindissimas

O' guitarras de Alcácer-Quibir,  
chorai-vos cantando, gemei a sorrir...

Admirável de forma e de expressão o *Triptico de sonetos*, de que não quero deixar de transcrever um ao acaso, na impossibilidade de os transcrever a todos:

### OS TUMULOS

*Até ao fim do mundo.* A grande amada Escuta o Adeus da grande voz sentida. Santa é Rainha, aguarda aquela vida que só depois do fim é comecada.

Pedra de sonho e dôr, foste lavrada  
Pela saudade imensa aqui vivida;  
Guarda a Saudade, pois, da despedida,  
E a esperança da hora desejada.

Guarda a Saudade que jámais acaba,  
Que o dia que ha de vir, de amor contente,  
Os que dormem aqui vão esperando.

E no fragor do mundo que desaba,  
Hão de acordar, sorrindo eternamente,  
Os olhos um no outro emfim pensando!



Muito belas e muito simples as quadras que constituem a poesia *Endecas*

O' recordações  
de Coimbra, de antes,  
Amor de estudantes  
Leonor! Camões!

A ultima parte do livro, *Canções de saudade e amor*, encerra poesias admiraveis, versos maravilhosos de estrutura e de inspiração. E eis o que tenho a dizer das *Ilhas de Bruma*, cuja introdução, segundo creio, foi feita «numa casa que está rezando ao Már...».

José de Ornelas Bruges d'Oliveira

### Ao sair do prelo

AS TRES PRINCESAS MORTAS  
NUM PALACIO EM RUINAS.  
Poemas de Joam Cabral do  
Nascimento.

São vinte rendados sonetinhos, deliciosos na simplicidade de lirismo que traduzem, cheios de nostalgia das princezas mortas, no velho palacio adormecido.

Testemunham uma sensibilidade finissima, uma verdadeira sensibilidade de artista.

São versos cantantes, versos para decorar, na magia dos seus ritmos todos cristal e noite.

Joam Cabral do Nascimento, o impecavel cinzelador das *Horas que não voltam*, encerra-se no seu Passado, a torre dos sonhos mortos, das folhas caidas:

O meu lembrar é uma ponte  
Curva de Mim ao já ido  
Agua caindo da fonte  
Sobre o meu corpo vencido.

E' nesta mesma composição, escrita para Americo Durão, o magnifico ritmista de *Vitral da minha dor*, que se encontra esta quadra, verdadeira joia de encanto e de graça:

Lembrar os beijos meadigos  
Duma princesa galante, —  
E' pó de livros antigos  
Sempre a cair duma estante

Ha certamente aqui e além uma ou outra falha no verso, maneirns de dizer menos otodoxast cadencias mais surdas, proposito de exotismo menos recomendaveis. Mas que intraduzivel encanto o desta quadra:

Seus passos nas alamedas  
Esguias como os seus dedos, —  
Era um chover de segredos  
Por sobre uma mente de sédas.

Este livro é uma promessa que nos dá o direito de esperar e esperar muito da imaginação riquissima do seu auctor, e mais e muito mais ainda se, divorciado da disciplina das escalas, souber guardar, a independencia da sua alma de poeta, passo a passo rejuvenescida na fonte inesgotavel da lenda.

Armando da Silva

### Musica

Ha dias o nosso presado colega «A Monarquia», a proposito do ultimo concerto de musica de camara no salão do conservatorio, referia-se ao distinto compositor, maestro Luiz de Freitas Branco, sobre a sua nova composição, executada n'esse concerto, — nos termos mais elogiosos, que transcrevemos com a devida venia:

Luiz de Freitas Branco, o compositor illustre, professor do Conservatorio, que dirige a nossa secção de critica musical, fez tocar ontem, por alumnos seus, uma das ultimas obras que compoz. Trata-se d'um delicioso quarteto de corda, simples e corto trecho de musica meditativa, que é, sem duvida uma pequena maravilha. Estes quartetos, dizem os tecnicos de musica, representam para o artista creador o que é para o poeta a suprema forma estrófica — o soneto.

*Arvers* immortalizou-se com 24 versos; um trabalho como o que ouvimos ontem do nosso amigo o professor Freitas Branco consolida, só por si, a reputação d'um musico notavel.

Na cronica musical, publicada na segunda pagina, são feitas a esse trabalho, pelo distinto pianista J. Q., as referencias que merece.

O nome de Luiz de Freitas Branco figurava tambem no programa. Executava-se o 3.º andamento — *Três modérs* — do seu quar-

to de cordas escrito em 1911. Verdadeira alma de artista, conhecedor, como poucos, da teoria musical, de ha muito se tem evidenciado como compositor. Admirando sinceramente chamada musica moderna, que não disculsa tem sido, enfileirou na *Jeune Ecole* como um dos seus mais distinctos colaboradores. A sua obra é já extensa e imenso ha esperar do seu grande talento.

Pena foi que hontem se executasse apenas um dos arranjos do seu quarteto em vez de o fazer ouvir integralmente.

Como sabido, o quarteto de cordas é o genero de composição mais arduo, mais difficil. A pouca sonoridade de que dispõe não permite obter efeitos que tanto agradam ao publico. Freitas Branco venceu todas as difficuldades de uma forma extraordinaria. *Três modérs* é saberbo de inspiração e o seu desenvolvimento é de mestre. A entrada cheia de pisticismo, com o tema principal no primeiro violino e o acompanhamento no segundo na violeta, rico de cor e de harmonias novas é de efeito soberbo, e a sequencia de grande interesse pela conversão dos quatro instrumentos.

As modelações succedem-se e é bem achada a modelação que conduz novamente ao primeiro tema. Todo o movimento é repassado de uma poesia sonhadora que encanta e chega bem á alma.

Daquilamos a Freitas Branco, gloria legitima nossa, o nosso bem modesto mas sincero abago.

J. Q.

Congratulamo-nos com o novo triumpho de Luiz de Freitas Branco e enviamos-lhe com a expressão da nossa profunda admiração pelo seu talento e pelo seu caracter as nossas sinceras felicitações.

## NOSSA SENHORA DAS ARRIBAS

Inclinada sobre a vaga azul, como uma donzela se debruça para um espelho de prata ha seculos que o mar lhe reflecte a candura das pupilas miraculosas. Ergue-a a escarpa menciaria como um ex-voto supremo, as espumas jucam-lhe os pés de brancos bem-mequeres, a brisa balouça-lhe em turibulo a alampada que a almia. Bloco de porfiro em que a piedade desbastasse as linhas misticas da graça que enternece, diz a

lenda que veio dar á costa certa noute aziaga de procela, exilada do ceo, a serenar melancolias em corações onde reinava a fé.

Airosas caravelas velejando a caminho do sonho na esteira de arcanjos surpreendentes, galeras gentilissimas em frota de argonautas hasteando ao leme a esperança, galeões altaneiros como torres para os confins do orbe conduzindo o genio de uma estirpe, suas mãos purissimas foram sempre um adeus foiticeiro abençoando a aventura. Para ela dos tôpos dos mastareus o nauta enebriado desferiu a mais melodiosa trova do seu rimanceiro, para ela no castelo da pôpa ondularam na luz cor de ouro flamulas de encantamento, para ela as sirenas de bordo festejaram em repique a febre heroica da abalada. Assim n'um enleio nupcial aos amantes entre cujos peitos o mar ficava como um Lifén de sandade, soluçou na elegia dos naufragios em que estremeciam sobre a areia corpos envoltos em veus inconcutis de tranças flavas, gravou na onda olhos de misericordia para sobre eles aportarem jangadas tragicas ha muito errantes no torvelinho amargo...

Inclinada para a agoa undosa como uma donzela recortada sobre um precipicio, ha muito que o mar lhe mira a tristeza das pupilas suavissimas. Bloco de porfiro em que a piedade esculptasse as linhas misticas da magoa que enternece, resa a lenda que veio dar á costa certa noute dolorosa de procela, forágida do ceo, para minorar penas nos corações que palpitam.

Lanchas afiladas como esquifes em caminhos de morte, bateis frageis como berços onde agonisam morenos adolescentes, chalupas em que a desgraça embarca o rumor da ultima ladainha, a toda a hora ha pranto na sua face que desbota. O mar espadana d'encontro ás fragas, a lampada exangue balouça em turibulo, as al-

gas na maré-baixa são tranças de virgens apunhaladas. Nem canções, nem amor, nem heroísmo, tomba o fraganoso manto que a abriga, sangram-lhe os pés nús gumes dos rochedos, a tormenta açouta-lhe o nicheo ao abandono. Todavia, como outr'ora sorria, ela continúa sorrindo, um sorriso feito de raios de sol, de fios de estrelas, descendo de Deus como orvalho de fé bemdita sobre os labios que resam...

Severo Portela

## Parlamentarismo

Existem sistemas politicos, tão falhos na sua essencia, tão faltos de logica e tão contrarios aos factos, que por si mesmos são suficientes para se derrubarem desde as contradicções flagrantes das suas doutrinas. Falhos na sua essencia porque se encontram envolvidos n'uma rêde de convenções, convenções estas que unicamente lhe dão razão de ser; se nada existe mais falso e falho do que a convenção visto não assentar em principios formulados pela logica mas sim em considerações meramente obstratas e a esperiencia tem-se encarregado de nos mostrar que tudo quanto se não baseia nos factos palpaveis, em considerações d'ordem natural não passa d'uma fantasia,...

Conheço que se desfazem quando olhados atravez do prisma claro e insofismavel da realidade. Está neste caso a velha doutrina do Parlamentarismo importada de Inglaterra para a França em 91.

Diversas são as características do governo Parlamentar; encontramos em primeiro lugar a *irresponsabilidade* do chefe de estado, chefe do poder executivo, e em segundo lugar a existencia d'um gabinete por elle envolvido e responsavel tanto pelos seus actos como pelos do chefe de Estado perante o orgão do poder legislativo ou seja o Parlamento.

Existem para ahi arautos que apregoam com tôda a força dos seus pulmões que este é o unico sistema que pode levar a prosperidade a um paiz.

CONTINUA

Vasconcellos Guimarães

## Crónica musical

Já ouviu o Schipa? Tal é a pergunta que actualmento está na ordem do dia... musical. E todos comm-tam, exaltam, procuram descobrir o segredo tecnico dos formidaveis pianandos, em notas inverosimilmente agudas...

A opinião apaixonada-se, as senhoras tambem, e o vasto Coliseu vae se enchendo a cada récita axtraordinaria.

Nós, que diariamente vamos anotando os factos musicais desta linda terra de Portugal, orgulhamo-nos de ter sido um dos primeiros a louvar o grande tenor, que é ao mesmo tempo musico, actor, e cantor, e a louva-lo em termos, que, naquela occasião, ainda não afforavam aos labios da digna opinião pública, embora já hoje constituam doutrina assente, verdade indiscutida, para o *dilettante* lisboeta. As operas em que se tem apresentado até á data da elaboração desta crónica: *Manon, Favorita, Tosca e Rigoletto*, podem-se apontar como outros tantos triunfos tendo sido bisados o sonho de des Grieux e o *Spirito gentil*, e *trisados* a romanza *O dolci boci* e a celebre *Donna é mobile*.

Annuncia-se para muito breve, a estreia do grupo de instrumentistas de câmara, que, sob a direcção de David de Sousa, vae dar durante a época de primavera, uma serie de concertos no Teatro Politeama.

S. de Freitas Branco

### Da Redacção

A Redacção reserva-se o direito de não publicar a correspondencia não solicitada.